

Comunidade, território e subjetividade: Uma análise do imaginário juvenil sobre a proteção ambiental ¹

Chelsea Karina de Brito²
Luis Emanuel Fontana Calixto³
Giovana dos Santos Hössel⁴
Eduardo Yuji Yamamoto⁵

Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO: A pesquisa teve como objetivo analisar as interpretações subjetivas de estudantes, do ensino fundamental e médio, sobre o seu território. Dos colégios estaduais Padre Chagas, Ana Vanda Bassara e Antônio Tupy Pinheiro, na região de Guarapuava (PR), os alunos produziram ilustrações com a temática "Mapeando o Futuro" envolvendo temáticas presentes nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). O propósito principal das análises está em entender a percepção que a geração atual de jovens tem sobre seu território e comunidade, através das visões de futuro que estabeleceram nos desenhos.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; território; educação; meio ambiente; comunidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar um conjunto de ilustrações produzidas por estudantes do ensino fundamental e médio da cidade de Guarapuava (PR). O objetivo é mapear a rede subjetiva que reflete o território desses sujeitos. As imagens foram produzidas a partir de uma atividade escolar envolvendo os Colégios Estaduais Padre Chagas, Ana Vanda Bassara e Antônio Tupy Pinheiro, entre os meses de setembro a novembro de 2023.

Os estudantes foram estimulados a elaborar desenhos com base na temática “Mapeando o Futuro” e, neste sentido, aplicaram conceitos referentes aos seguintes temas: erradicação da pobreza em todas as suas formas; erradicação da fome; segurança alimentar e melhoria da nutrição; saúde de qualidade; educação de qualidade; igualdade de gênero; água potável e saneamento; energia acessível e

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT03SU – Comunicação e sustentabilidade: ambiente, organizações, sociedade, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

²Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicentro, email: chelseakarina4604@gmail.com

³Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicentro, email: luisemanuelfontanac@outlook.com.br.

⁴Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicentro, email: giovanahossel@gmail.com.

⁵ Professor do Curso de Jornalismo da Unicentro, email: yamamoto@unicentro.br.

limpa; trabalho decente e crescimento econômico; indústria, inovação e infraestrutura; redução das desigualdades, cidades e comunidades sustentáveis; consumo e produção responsáveis; ação contra a mudança global do clima; vida na água; vida terrestre; paz, justiça e instituições eficazes; parcerias e meios de implementação, pontos que compõem os chamados Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A análise proposta no presente resumo justifica-se pelo interesse de compreender, através dos desenhos, as percepções das novas gerações em relação ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável do planeta. Estudar as representações presentes nestas ilustrações permite revelar as noções dessa geração sobre o território e a comunidade em que vivem, conforme delineado por Yamamoto (2023). Além disso, ao utilizar os ODS como referência, busca-se promover uma análise crítica e reflexiva sobre questões globais urgentes, como o aquecimento global e a justiça ambiental e social. Dessa forma, essa pesquisa contribui para a compreensão das relações entre experiências pessoais e construções midiáticas, que compõem o campo da subjetividade desses jovens, para a ressignificação dos temas supracitados, a partir do desenho de imagens.

METODOLOGIA

Para dar embasamento teórico à presente análise, utilizou-se a articulação conceitual proposta por Yamamoto (2023) que busca aproximar os campos epistemológicos da Geografia e da Comunicação a partir dos conceitos de território e comunidade. Segundo o autor, “por território compreende-se mais do que um simples fato natural, um estado de coisas dado, mas um evento humano, já que sobre o território interagem tanto as condições ambientais de produção da vida em geral quanto os artificios antropológicos” (YAMAMOTO In. GOMES, SILVA, ORIK, YAMAMOTO, 2023, p. 111-112).

Dentre tais artificios antropológicos, destaca-se os meios de comunicação e a produção subjetiva decorrente de símbolos, imagens e representações por eles veiculados. A relação entre a experiência vivida por um grupo de pessoas, em um determinado espaço e tempo, e esse material midiático produz cadeias de subjetivação que, eventualmente, precipitam-se em formas de sentido

compartilhadas. Podemos falar, então, em territórios ou comunidades imaginadas (ANDERSON, 2008), ou seja, um conjunto de imagens compartilhadas por um grupo de pessoas, tendo como seus fatores determinantes o encontro entre a experiência do grupo com o universo midiático (livros didáticos, rádio, TV, revistas, internet etc.)

Como metodologia, utilizou-se o conceito de Análise de Conteúdo (AD), de Laurence Bardin (1977) a fim de orientar a organização da pesquisa, bem como a análise e a interpretação do material. Para a autora, a AD é formada por diferentes técnicas de análise de processos comunicacionais com o objetivo de obter indicadores, quantitativos ou não, que levem à conclusão de melhor conhecimento sobre as condições de produção/ recepção destas mensagens.

De acordo com Bardin (1977), a Análise de Conteúdo pode ser utilizada em qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal, que seriam as icônicas, como, por exemplo, grafismos, filmes, fotografias ou imagens, que é o caso das produções dos estudantes. O processo proposto pela autora para analisar esses materiais apresenta três etapas: pré-análise, análise e interpretação.

ANÁLISE E RESULTADOS

A pré-análise dos desenhos serviu para que se pudesse traçar o principal objetivo da pesquisa: mapear a rede subjetiva que reflete o território dos estudantes. Nas imagens, foi possível traçar quais seriam os índices analisados, devido à repetição dos mesmos em grande parte das obras. Na maior parte das turmas, as produções trouxeram ideias parecidas para representar as expectativas pessoais dos jovens. O número de obras que usaram elementos semelhantes para abordar os temas é maior do que as em que os estudantes se propuseram a expressá-los de maneiras diferentes.

Durante a análise, foram dispostos os desenhos a fim de organizá-los a partir de elementos recorrentes. Após a identificação desses elementos passamos a classificá-los em dois eixos: 1) desenhos criativos ou cópias, e 2) desenhos que expressam futuro positivo ou negativo. Dessa forma, houve a transformação dos dados brutos das imagens, por processos de classificação e agrupamento, que permitem atingir uma representação do conteúdo.

No final, os resultados foram analisados e interpretados. É inegável que parte das repetições imagéticas em diferentes obras se deva ao fato de que dentre essas ilustrações semelhantes, muitas abordaram as mesmas temáticas, como poluição e preservação, que se repetiram mais do que outras. Em cada turma, costumam aparecer desenhos semelhantes entre si. Isso leva à hipótese de que alunos podem ter compartilhado ou copiado ideias de seus colegas, ou então optado por pesquisas na internet. Assim, compreendemos que os estudantes possuem dificuldade em construir um pensamento crítico próprio sobre o futuro do planeta quando são estimulados a refletirem sobre a realidade em que vivem.

No entanto, mesmo com temas parecidos, encontramos ilustrações que desenvolveram ideais autorais e adicionaram elementos distintos do convencional. Isso se deve muito a elaboração estética dos desenhos, tendo maior cuidado e atenção aos detalhes, como cores e formas.

Dentre futuros positivos e negativos, observou-se um considerável número de ilustrações que abordavam a dualidade de um destino melhor ou pior para o planeta. Nelas, temas contrários foram abordados ao mesmo tempo, como, por exemplo, guerras e igualdade, e desmatamento e preservação. O que pode representar a dúvida que os próprios estudantes têm de como a realidade pode proceder de acordo com o comportamento da humanidade. A maior parte das ilustrações também reforça a ideia de que, para o futuro ser positivo, práticas como a reciclagem, o reflorestamento, o cuidado com a água, com a fauna e questões sociais, de igualdade e união entre os povos, entre outros tópicos relevantes, devem ser estimulados e praticados pelas pessoas, caso contrário, o mundo entraria em colapso, um final que muitos desenhos representam.

Com relação à estética e estilística das produções, houve pouca inovação. Nessa categoria, levou-se em conta a dedicação e o cuidado na elaboração das imagens, assim como o empenho em representar o que fora proposto. Há produções que se destacaram nessa etapa, a criatividade se sobressaiu em algumas ilustrações, como, por exemplo, a que utiliza o fogo para queimar as bordas do papel do desenho, criando uma moldura única para a peça. Em outro desenho, um(a) estudante amassou o papel para criar texturas, algo que trouxe à ilustração

potencialidade de representar aquilo que ele(a) gostaria. Tais exemplos mostram que, além de pensar criticamente, os alunos também utilizam a imaginação e inventam novas formas de representação imagética.

Portanto, ao analisar as produções dos estudantes de turmas do Ensino Fundamental e Médio sobre a temática proposta, notamos que muitos deles possuem esperança em um futuro melhor. Em algumas peças, há representações verbais sobre os desejos que possuem de mudança através de pedidos de cuidado com o planeta.

Contudo, muitos estudantes não apresentaram ideias próprias para um amanhã promissor, optando por conceitos e imagens pré-existentes (de livros escolares ou internet). Os desenhos similares, o que chamamos de cópias, mostram que grande parte das produções não trazem consigo novos pensamentos críticos e modelos de planeta, o que nos leva a questionar sobre propostas que poderiam ser feitas para que eles desenvolvessem a criatividade e o desejo de buscar um futuro melhor. É possível, assim, mapear uma rede de subjetividade que, diferentemente da noção convencional, se espalha para além dos territórios físicos, pois condicionada pelos meios de comunicação. A internet é o maior exemplo disso, um desafio para formulações geográficas fundadas na especialidade física. Essa subjetividade, nessa idade escolar, é moldada ou conduzida por aquilo que, imperativamente, impõe-se aos jovens na produção de imagens. Esse pode ser um dos fatores condicionantes daquilo que se entende como falta de criatividade. Mesmo quando se imagina futuros positivos e negativos, a subjetividade é canalizada para imagens midiáticas pré-constituídas, sendo raro algo fora desse horizonte.

Conclui-se, assim, que o fato de aparecerem poucos desenhos originais aponta para algumas problemáticas: os meios de comunicação (desenhos prontos, passíveis de cópia) constituem o primeiro reservatório de imagens desses estudantes - hipótese que abre ao problema da midiaticização da vida social; ou seja, o fato das mídias interferirem significativamente no imaginário social, inclusive em âmbito educacional; pode haver também pouco estímulo à atividade criativa, uma vez que a maioria dos estudantes se contentou em apenas copiar ou finalizar

uma atividade. Por outro lado, a apresentação, em alguns desenhos, de um futuro negativo do planeta, pode indicar algum senso crítico nos estudantes. Instigar a criticidade pode ser o primeiro passo para futuras outras atividades educativas voltadas tanto ao exercício da criatividade quanto de ações concretas de proteção do planeta.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

As Nações Unidas no Brasil. **Objetivos do desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>> . Acesso em: 1 mar. 2024.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. Comunicação, Geografia e Comunidade. In: GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas; SILVA, Clayton Luiz; ROIK, Anderson; YAMAMOTO, Eduardo Yuji. (Org.). **Formação de professores de Geografia no Projeto Nós Propomos! Guarapuava**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023, p. 111-121.